

INTERNAÇÕES DE IDOSOS POR QUEDAS: UM RETRATO DO BRASIL

Kríssia Jessélia de Souza Bezerra¹
Maylle Tallyta Oliveira Cavalcante²
Sara Guilhermino Ferreira Lima³
Bruna Gabrielle de Souza Costa⁴
Jussara de Lucena Alves⁵

RESUMO

Estudo transversal e descritivo que objetiva caracterizar o perfil epidemiológico das internações de idosos por quedas no Brasil, por meio de informações secundárias disponibilizadas no banco de dados do DATASUS/SIH, considerando variáveis relacionadas ao sujeito e ao local das internações. No período analisado, de 2018 a julho de 2021, foram registradas 460.719 internações, ocorridas principalmente na região sudeste do país. As mulheres representaram a maioria do público atendido no período estudado. A cor branca foi predominante, porém ressalta-se grande número de registros sem informações quanto ao referido dado. O presente estudo pode possibilitar a compreensão do impacto das quedas de idosos na saúde pública, bem como servir de instrumento teórico para a orientação e a elaboração de políticas e intervenções voltadas ao público-alvo para que propiciem o fortalecimento da saúde pública brasileira, com ênfase à saúde do idoso.

Palavras-chave: Quedas, Idosos, Internação, Saúde pública, Envelhecimento.

INTRODUÇÃO

O Brasil está passando, em termos demográficos, por um período de grandes transformações que terão um peso significativo na transição econômica e social do país nas próximas décadas. Após sucessivos anos de crescimento populacional, o país vem registrando quedas acentuadas da natalidade, o que determina um ritmo cada vez menor de aumento do contingente populacional. Essa redução do número de nascimentos vem acompanhada pela queda da mortalidade e maior expectativa de vida, sendo estes, intensificadores do processo de envelhecimento populacional e consequente transição epidemiológica. Tal transição,

¹ Graduando pelo Curso de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, krissia.bez@gmail.com;

² Graduando pelo Curso de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, MaylleCavalcante@gmail.com;

³ Graduando pelo Curso de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, saraguilherminolima@gmail.com;

⁴ Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, brunagabrielle17@hotmail.com;

⁵ Professor orientador: Mestre em gestão e Inovação em Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN, jussaradelucena@gmail.com;

inexoravelmente, é marcada pelo aumento da mortalidade por doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) em detrimento das doenças infectoparasitárias (DIP) (BRASIL, 2017).

Em contrapartida, nesse cenário, a mortalidade passa a predominar entre os mais velhos, sendo suas principais causas as doenças típicas do envelhecimento, atreladas ao aumento da ocorrência de agravos tidos como causas externas consideradas, em grande parte, como evitáveis (GASPAROTTO, FALSARELLA, COIMBRA, 2014; OLIVEIRA, 2019).

Considerando que as causas externas mais notórias no atual contexto são as quedas, sabe-se que estas podem acometer cerca de 30% dos idosos acima de 60 anos, enquanto que, para os idosos mais velhos (acima de 80 a 85 anos), esse percentual chega à 40% a 50%, sendo fator principal para surgimento de lesões, fatais ou não (KHOW; VISVANATHAN, 2017). Ademais, a estimativa é de que cerca de um terço dos idosos sofram com quedas pelo menos uma vez por ano (HOPEWELL *et al.*, 2018). Nesse sentido, podemos observar o aumento da incidência de quedas em idosos, elevando, conseqüentemente, os custos para tratamentos de lesões advindas de quedas, principalmente em se tratando de indivíduos frágeis e polimórbidos, onde as quedas são de ordem multifatorial, de maior frequência e com conseqüências mais graves, podendo incluir fraturas no quadril e lesões intracranianas (BERKOVÁ; BERKA, 2018).

Além disso, não somente as quedas, mas o medo de cair, em si, promovem restrições à liberdade do indivíduo, na medida em que há limitações na realização das atividades de vida diária e dependência de cuidadores ou indivíduos próximos (SCUCCATO, 2018). Nessa perspectiva, tanto a identificação de fatores de risco, quanto a elaboração de estratégias de intervenção se fazem necessários para redução das taxas de quedas entre a população idosa (CUEVAS-TRISAN, 2019), principalmente as de ordem grave ou fatal, que comprometem a autonomia do indivíduo e compõem os principais problemas de saúde pública, atreladas ao envelhecimento, na atualidade (PARK, 2018; STOLT *et al.*, 2021). Dessa forma, planejamentos e organizações das políticas de saúde e redes assistenciais podem ser melhor direcionados, garantindo maior efetividade em âmbito nacional e regional.

Destarte, dada a relevância do tema para a saúde pública, faz-se necessário conhecer a respeito das internações por quedas em idosos no Brasil. Pois, por meio do levantamento de variáveis que possam elencar o perfil epidemiológico, o presente trabalho pode permitir um maior recorte do cenário hospitalar atual. Dessa forma, tal estudo possibilita a compreensão do impacto desse agravo em saúde, bem como servir de instrumento teórico para a orientação

e a elaboração de políticas e intervenções voltadas ao público-alvo, e assim, fomentar discussões e informações adequadas, baseadas cientificamente, que propiciem o fortalecimento da saúde pública brasileira, com ênfase à saúde do idoso. Portanto, este artigo teve como objetivo traçar o perfil epidemiológico das internações de idosos por quedas no Brasil.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, descritivo, obtido por dados secundários por meio do SIH/SUS (Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde), disponibilizados no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (Datasus) - banco de dados do Ministério da Saúde. Por se tratar de dados públicos e não representar risco à população estudada, o uso das informações dispensa a aprovação por comitê de ética. Foram selecionados todos os registros hospitalares de idosos a partir de 60 anos, relativos às internações processadas de janeiro de 2018 a julho de 2021 (último e mais recente mês disponibilizado).

Foram selecionadas internações com códigos W00 a W19, pertencentes ao grupo de causas “quedas”. As variáveis estudadas foram agrupadas conforme sexo, faixa etária (em intervalos de 60 a 64 anos, 65 a 69 anos, 75 a 79 anos e 80 anos e mais), cor/raça e região federativa de residência. Os dados foram analisados de forma absoluta e também percentual, apresentados descritivamente e com uso de gráficos e tabelas, armazenados no Programa Microsoft Excel® 2011, para possibilitar fácil compreensão dos resultados encontrados.

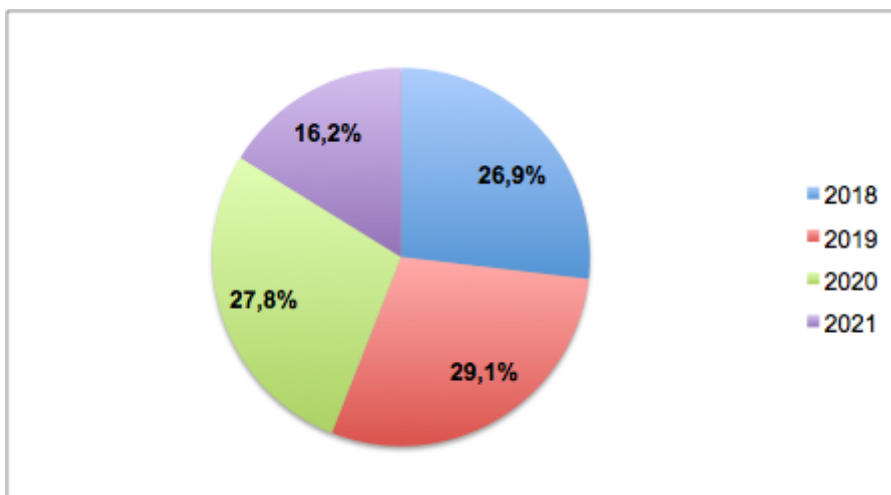
RESULTADOS E DISCUSSÃO

O total de registros no Brasil durante o período estudado foi de 460.719 casos de internamento de idosos por quedas. A figura 1 demonstra a distribuição de casos conforme os anos de processamento. Nesse sentido, percebe-se que os índices foram crescentes e que 2019 foi o ano com maior número de internações (%= 29,1; N=134.195), destaca-se ainda que, os dados disponíveis de 2021 referem-se até o mês de julho do presente ano.

Com o crescente número de idosos na população, a probabilidade de ocorrência de quedas aumenta com a idade, uma vez que elas podem estar ligadas com as mudanças biológicas do indivíduo (CONFORTIN *et al.*, 2020), e também pode ocorrer devido fatores externos, como os relacionados ao ambiente, a iluminação, a presença de objetos no chão, o

uso de roupas e calçados inadequados e o uso dispositivos de auxílio de locomoção (MORLEY *et al.*, 2020).

Figura 1 - Internações por quedas segundo ano de processamento. Brasil, 2018 - 2021.



Fonte: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS).

Na figura 2 está disposta a distribuição percentual das internações segundo sexo e faixa etária. Os resultados endossam o protagonismo feminino nas faixas etárias estudadas, com exceção das idades de 60 a 64 anos em que os homens perfazem discretamente a maioria dos casos (52,4%). Esses resultados corroboram os achados de Amorim *et al.* (2021), em que percebeu-se a prevalência de quedas entre mulheres com mais de 70 anos.

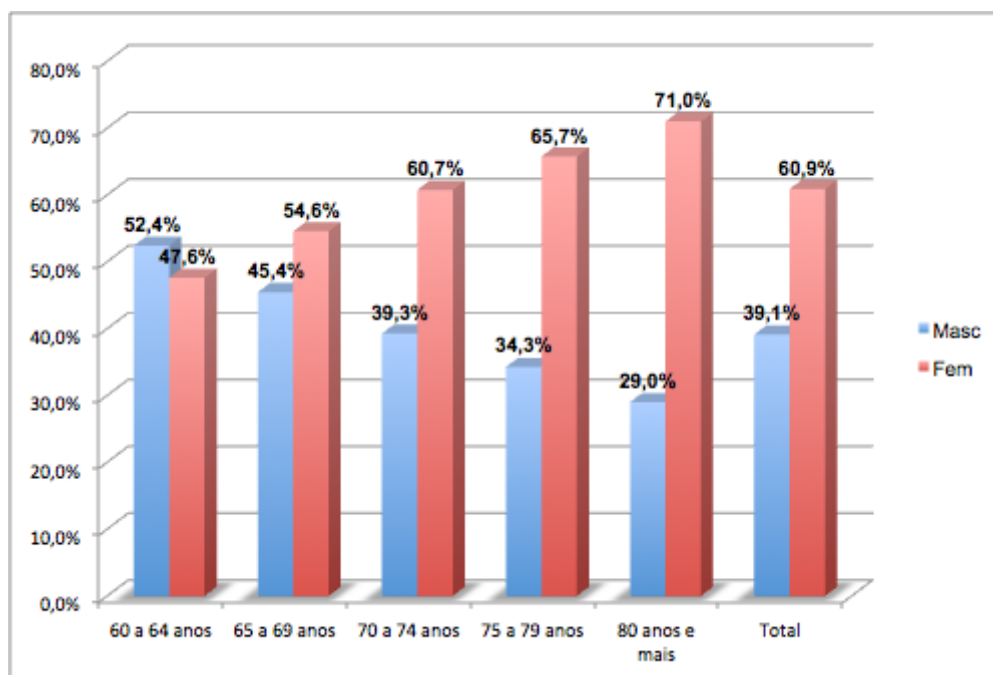
Notório perceber como a média de internações de mulheres ao longo dos anos representa quase 22 pontos percentuais adicionais em comparação à média masculina. Este fenômeno pode estar associado ao sexo feminino, devido à própria fisiologia humana, pois a estrutura óssea e muscular das mulheres é mais frágil, nelas ocorrem alterações hormonais significativas e apresentam maior número de doenças crônicas (GIACOMINI; FHON; RODRIGUES, 2020).

De acordo com dados do Ministério dos Direitos Humanos, existe atualmente no país 2,1% de mulheres a mais que homens idosos. Esses dados demonstram que o processo de envelhecimento está acompanhado pela feminização da velhice (BRASIL, 2013).

Em contrapartida, se tratando das taxas de mortalidade, no estudo de Abreu *et al.* (2018), foram mais elevadas para o sexo masculino. Os estudos que encontraram maior prevalência de quedas em homens associam este fato ao maior envolvimento do homem em atividades físicas intensas e perigosas, ignorando os limites de sua capacidade física e na maioria das vezes estes eventos são mais graves ocasionando internações e óbitos. Uma pesquisa sobre

quedas na população idosa atendida pela atenção pré-hospitalar mostrou que a gravidade do traumatismo em homens é maior, além disso, eles apresentam maiores condições de comorbidades do que as mulheres, para o mesmo grupo etário. Esses dados reforçam a maior vulnerabilidade do homem em relação às causas externas de morbimortalidade (MESCHIAL *et al.*, 2014).

Figura 2 - Internações por quedas segundo sexo e faixa etária. Brasil, 2018 - 2012.



Fonte: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS).

Para melhor análise dos dados, na tabela 1 é apresentada a distribuição absoluta e percentual das internações por quedas segundo região do país. Observa-se assim que a região sudeste representa pouco mais da metade de todos os casos registrados no período. No estudo que avaliou as internações e custos hospitalares por quedas em idosos no Brasil também teve prevalência na região Sudeste, sendo avaliados os anos entre 2008 a 2018, isso pôde estar atribuído ao maior número de idosos nessa região, o que aumenta a probabilidade de tal evento acontecer (SILVEIRA *et al.*, 2020), sendo assim, tal evento ainda prevalece até o presente ano.

As diferenças nas taxas de internação e mortalidade encontradas entre as capitais brasileiras corroboram um estudo transversal realizado com idosos moradores de áreas urbanas de 100 municípios de 23 estados brasileiros. Os dados encontrados mostram que a região Centro-Oeste apresenta a maior prevalência, seguida das regiões Sudeste, Sul,

Nordeste e Norte. Enfatiza-se a necessidade de novos estudos com o objetivo de compreender melhor as razões para essas diferenças regionais (ABREU *et al.*, 2018).

O envelhecimento populacional, não acompanhado dos devidos ajustes na infraestrutura e outras medidas que facilitem a mobilidade e promovam a qualidade de vida desta população, pode estar contribuindo para o aumento do número de vítimas fatais em decorrência deste agravo. Sabe-se que as condições da via pública (calçadas quebradas e irregulares, iluminação insuficiente) são fatores extrínsecos que, aliados aos fatores intrínsecos (situação nutricional, déficit vitamínico, perda da acuidade visual, auditiva e do equilíbrio, entre outras) originados do processo de senescência, causam impactos na epidemiologia das quedas, merecendo atenção especial dos gestores (MESCHIAL *et al.*, 2014).

Tabela 1 - Distribuição absoluta e percentual das internações por quedas segundo região. Brasil, 2018 - 2021.

Região	N	%
Norte	12.495	3%
Nordeste	93.683	20%
Sudeste	235.232	51%
Sul	87.424	19%
Centro-Oeste	31.885	7%
Total	460.719	100%

Fonte: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS).

A tabela 2 aborda as internações por quedas segundo cor/raça. Assim, é possível observar que os maiores percentuais correspondem aos indivíduos de cor branca (43,7%) e parda (32,6%), respectivamente. É válido destacar o alto percentual (18,7%) de dados subnotificados, o que prejudica o delineamento fidedigno das informações em questão. Esses dados corroboram com os do estudo de Souza *et al.* (2017), no qual 50% dos idosos apresentavam cor de pele branca. No entanto, é importante observar que os dados sem informações podem dificultar o retrato desta variável na população em estudo.

Tabela 2 - Internações por quedas segundo cor/raça. Brasil, 2018 - 2021.

Cor/raça	N	%
Branca	201.394	43,7%
Preta	13.885	3%
Parda	150.215	32,6%
Amarela	8.794	2%
Indígena	319	0,1%
Sem informação	86.112	18,7%
Total	460.719	100,0%

Fonte: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das informações expostas, o presente estudo caracterizou o perfil epidemiológico das internações de idosos por quedas no Brasil. No período analisado, de 2018 a julho de 2021, foram registradas 460.719 internações, ocorridas, principalmente, durante o ano de 2019 e na região sudeste do país. As mulheres representaram a maioria do público atendido no período estudado, evidenciando fenômenos como a feminização do envelhecimento. Além disso, a cor branca foi predominante, porém atenta-se para o grande número de registros sem informações quanto ao referido dado, o que pode dificultar a fidelidade das variáveis analisadas.

Destarte, é possível inferir que tais achados coincidem com outros estudos sobre a temática abordada. Aponta-se ainda a importância do trabalho, uma vez que pode, por meio de dados relevantes e atualizados, servir como instrumento orientador para o fortalecimento de ações de prevenção de quedas em idosos, uma vez que se trata de importante causa de morbimortalidade hospitalar neste grupo etário. Ademais, o acesso às informações disponibilizadas pelo SUS contribui significativamente na transparência dos dados e no conhecimento da população, permitindo maior fortalecimento da saúde pública como um todo, além da ênfase à saúde dos idosos, propiciando o conhecimento dos agravos e assim, ofertar ações que promovam mais qualidade de vida e autonomia aos brasileiros mais longevos.

REFERÊNCIAS

ABREU, D. R. O. M. *et al.*, Internação e mortalidade por quedas em idosos no Brasil: análise de tendência. **Ciênc. da saúde coletiva**. Rio de Janeiro. 2018.

AMORIM, J. S. C. *et al.* Prevalência de queda grave e fatores associados em idosos brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde, 2013. **Ciênc. Saúde Colet.**; 26(1): 185-196, jan. 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csc/a/7Lmfj9DjT7y9pfkWsV4zymJ/?lang=pt>.

BERKOVÁ, M; BERKA, Z. Falls: A significant cause of morbidity and mortality in elderly people. **Vnitr Lek**, República Tcheca, v. 64, n. 11, p. 1076-1083, jan 2018.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria de Direitos Humanos. **Dados sobre o envelhecimento no Brasil**. 2013. Disponível em: <https://goo.gl/y4vvuE>.

BRASIL. Câmara dos deputados. **Brasil 2050: desafios de uma nação que envelhece**. Centro de estudos e debates estratégicos. Consultoria legislativa. Brasília, 2017. Disponível em:
<https://www5.pucsp.br/catedraignacysachs/downloads/brasil-2050-desafios-de-uma-nacao-que-envelhece.pdf#page=41>.

CONFORTIN, S. C. *et al.* Internação por queda em idosos residentes em Florianópolis, em Santa Catarina e no Brasil: tendência temporal 2006-2014. **Cadernos de atenção à saúde**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cadsc/a/tStnFvH5zVYj8ZdMwBmcHdf/?lang=pt>

CUEVAS-TRISAN, R. Balance Problems and fall risks in the elderly. **Clin Geriatr Med**, [S.L.], v. 35, n. 2, p. 173-183, mai 2019.

GASPAROTTO, L. P. R; FALSARELLA, G. R; COIMBRA, A. M. V. Falls in elderly: basics concepts and updates of research in health. **Rev Bras Geriatr Gerontol**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 201-209, mar 2014.

GIACOMINI, S. B., FHON J. R., RODRIGUES, R. A. Fragilidade e risco de queda em idosos que vivem no domicílio. **Acta Paul Enferm.** 2020. DOI:
<http://dx.doi.org/10.37689/actaape/2020AO0124>

HOPEWELL, S. *et al.* Multifactorial and multiple component interventions for preventing falls in older people living in the community. **Cochrane Database Syst Rev** [S.L.], v. 7, n. 7, online, jul 2018.

KHOW, K. S. F; VISVANATHAN, R. Falls in the aging population. **Clin Geriatr Med** [S.L.], v. 33, n. 3, p. 357-368, ago 2017.

MESCHIAL, W. C. *et al.* Elderly victims of falls seen by pre hospital care: gender differences. **Rev. Bras. Epidemiol.** 2014. Disponível em:
» <http://dx.doi.org/10.1590/1415-790X201400010002ENG>

MORLEY, J. E., *et al.* Internação por queda em idosos residentes em Florianópolis, em Santa Catarina e no Brasil: tendência temporal 2006-2014. **Cad. saúde colet.** 28 (2) • Apr-Jun 2020.

OLIVEIRA, A. S. Transição demográfica, transição epidemiológica e envelhecimento populacional no Brasil. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, Minas Gerais, v. 15, n. 32, p. 69-79, 1 nov. 2019.

PARK, S. H. Tools for assessing falls risk in the elderly: a systematic review and meta-analysis. **Aging Clin Exp Res**, online, v. 30, n. 1, p. 1-16, jan 2018.

SCUCCATO, R. Falls in the elderly. **Recenti Prog Med**, online, v. 109, n. 7, p. 401-404, ago 2018.

SILVEIRA, F. J. *et al.* Internações e custos hospitalares por quedas em idosos brasileiros. **Scientia Medica Porto Alegre**, v. 30, p. 1-10, jan.-dez. 2020 e-ISSN: 1980-6108 | ISSN-L: 1806-5562.

SOUZA, L. H. R. *et al.* Queda em idosos e fatores de risco associados. **Rev de Atenção à saúde.** São Caetano do Sul, 2017.

STOLT, L. R. O. G. *et al.* Increase in fall-related hospitalization, mortality, and lethality among older adults in Brazil. **Revista de Saúde Pública**, [S. L.], v. 54, p. 76-87, ago 2020.